

HS-019: ETNOLOGIA SUL-AMERICANA semestre 1 2013

Profa. Vanessa R. Lea

5ª feira 14 às 18 horas

A etnologia sulamericana diversifica-se cada vez mais e problematiza as antigas divisões entre as terras baixas e a região andina.

A Etnologia brasileira transitou daquilo que Roberto Cardoso de Oliveira caracterizou de “periferia”, na década de 1990, ao centro das atenções via a enorme influência do perspectivismo, elaborado por Eduardo Viveiros de Castro nas últimas décadas. Paralelamente, outra corrente, desenvolvida a partir da obra de Darcy Ribeiro, parte da influência que o Estado exerce sobre os povos indígenas. Alguns poucos etnólogos, tais como Bruce Albert, conseguem conciliar as duas correntes. Atualmente surge uma terceira corrente – formas expressivas, exemplificada pelo livro de Pedro Cesarino. Há algumas décadas vários povos indígenas vêm se expressando através da produção de vídeos e de publicações, e estão chegando às universidades. No Rio Negro já existe grupos reivindicando a criação de uma universidade indígena.

Tradicionalmente o curso de Etnologia Sulamericana visa transmitir um entendimento básico da diversidade sociocultural e linguística que caracteriza os povos indígenas brasileiros. Partindo do “minimalismo” daqueles povos das Guianas e dos Tupi-Guarani caracterizados por terminologias dravidianas, associadas ao cognatismo e parentelas endogâmicas, além de uma acentuada elaboração cosmológica e religiosa; passando pelo povos do Brasil Central com grandes aldeias circulares, terminologias Crow-Omaha (entre os Jê), acentuando a organização social acoplada às suas cosmologias, contrastados aos povos do Rio Negro, onde a literatura destaca a hierarquia que caracteriza seus clãs patrilineares e a prática de exogamia linguística. Tal caracterização tripartida simplifica ao máximo os contrastes encontráveis, mesmo restringindo o enfoque apenas ao território brasileiro. A realidade se aproxima melhor a um caleidoscópio (recorrendo a uma metáfora usada por Lévi-Strauss em relação à mitologia) que apresenta muitas variações a partir dessas figuras de base.

Este semestre o curso se baseia em quatro monografias que permitem discutir algumas das questões debatidas atualmente dentro da etnologia brasileira, tais como:

cosmologia versus filosofia e religião
a metafísica da predação
subjetividade, *agency*, corpo e pessoa
gênero e o embate entre o local e o universal
ontologias

LINCOLEO, José Quidel. 2012. La idea de “Dios” y “Diablo” en el discurso ritual mapuche. Las resignificaciones de las categoría Dios y Diablo entre las autoridades socioreligiosas mapuche del territorio wenteche. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

VANZOLINI FIGUEIREDO, Marina. 2010. A flecha do ciúme. O parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu. Tese de Doutorado, Museu Nacional, UFRJ.

FAUSTO, Carlos. 2001. *Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp.

LEA, Vanessa, R. 2012. *Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central*. Edusp/FAPESP. 496 páginas.

Bibliografia Complementar

ALBERT, Bruce. 1995 (2002). O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. In: Bruce Albert, e Alcida R. Ramos, *Pacificando o branco*. São Paulo: UNESP, p.239-274.

CABALZAR, Aloísio. 2008. *Filhos da Cobra de Pedra: Organização Social e Trajetórias Tuyuka no rio Tiquié (Nororeste Amazônico)*, São Paulo, Editora UNESP, ISA; Rio de Janeiro, NUTI.

CESARINO, P. N. *Oniska - Poética do Xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Editora Perspectiva/ Fapesp, 2011, 423 p.

GARCIA, Uirá Felipe. 2010. *Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.

CHERNELA, JANET. 1983. Estrutura Social do Uaupés. *Anuário Antropológico / 81 : 59-69*.

SURRALLÉS, Alexandre. 2003. *Au coeur du sens: Perception, affectivité, action, chez les Candoshi*. Paris : Éd. de la Maison de l'Homme.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 1999. *Etnologia Brasileira. O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: ANPOCS/editora Sumaré.

_____. 2012. 'Transformação' na antropologia, transformação da 'antropologia'. *Mana* (UFRJ. Impresso), v. 18, p. 151-171.